



# Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 3

Kelly Cristina Campones  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Kelly Cristina Campones**  
(Organizadora)

**Ensino e Aprendizagem como Unidade  
Dialética**  
**3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem Como Unidade Dialética; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-482-5 DOI 10.22533/at.ed.825191507  1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina.  CDD 371.102
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 43 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas preposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimentamos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos ( algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES DE ATENDIMENTO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA REDE PRÓPRIA DE ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA DO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS-GO	
<i>Bráulio Brandão Rodrigues</i> <i>Nathália Ramos Lopes</i> <i>Daniela Cristina Tiago</i> <i>Danianne Marinho e Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8251915071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A EXPERIMENTAÇÃO ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO QUÍMICO	
<i>Paulo Vitor Cardoso Figueiredo</i> <i>Angelita Silva Machado</i> <i>Samuel Robaert</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8251915072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
AÇÃO EDUCACIONAL PARA CONTROLE DA GLICEMIA SANGUÍNEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Sally Cristina Moutinho Monteiro</i> <i>Ilka Kassandra Pereira Belfort</i> <i>Leticiane Teixeira Castro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8251915073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
APLICAÇÃO DE METODOLOGIA COM ENFOQUE CTS NO CURSO DE FARMÁCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Kione Baggio Bordignon</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8251915074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
ARTE-PERFORMANCE: EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>José Valdinei Albuquerque Miranda</i> <i>Carla Alice Faial</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8251915075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
AS “TRÊS MARIAS” E O SOL: RECURSO DIDÁTICO À LUZ DA EPISTEMOLOGIA DE GASTON BACHELARD	
<i>Marcelo Antonio Amorim</i> <i>Edite Maria dos Anjos</i> <i>Virgínia Marlene Correia</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8251915076</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>57</b>
CURSOS TÉCNICOS A DISTÂNCIA: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA PROFUNÇÃOÁRIO NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO	
<i>Marize Lyra Silva Passos</i>	
<i>Danielli Veiga Carneiro Sondermann</i>	
<i>Isaura Alcina Martins Nobre</i>	
<i>Mariana Biancucci Apolinário Barbosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8251915077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>71</b>
DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS NO ESPAÇO ESCOLAR: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS – ARTE, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Mikael Miziescki</i>	
<i>Marcelo Feldhaus</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8251915078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>76</b>
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: O IFPR – CAMPUS PARANAÍ EM CONTEXTO	
<i>Valeriê Cardoso Machado Inaba</i>	
<i>José Barbosa Dias Júnior</i>	
<i>Antão Rodrigo Valentim</i>	
<i>Rafael Petermann</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8251915079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>86</b>
ESCOLA E UNIVERSIDADE: FORTALECENDO DIÁLOGOS ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
<i>Edileuza Dias de Queiroz</i>	
<i>Renato Gadioli Augusto</i>	
<i>Guilherme Preato Guimarães</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82519150710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>97</b>
EXPERIMENTOS INVESTIGATIVOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA	
<i>Raquel Pereira Neves Gonçalves</i>	
<i>Mara Elisângela Jappe Goi</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82519150711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>107</b>
FIOS E TRAMAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR: SABERES E FAZERES NA FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	
<i>Regina Celi Frechiani Bitte</i>	
<i>Vilmar José Borges</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82519150712</b>	

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>122</b>
HIDROGÊNIO: UM OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE QUÍMICA ORGÂNICA	
<i>Ingrid Souza Brikalski</i>	
<i>Denis da Silva Garcia</i>	
<i>Claiton Marques Correa</i>	
<i>Bruno Siqueira da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82519150713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>128</b>
INTEGRANDO JUVENTUDE E INFÂNCIA: ENSINANDO E APRENDENDO EM DIFERENTES CONTEXTOS	
<i>Camila Ribeiro Menotti</i>	
<i>Elexandra Sueli Wagner</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82519150714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>137</b>
METODOLOGIA DE PROJETOS E A EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Andréa Cristina da Silva Viana</i>	
<i>Raquel Aparecida Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82519150715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>144</b>
O ESTÁGIO COMO ENCONTRO NOS CURSOS DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA	
<i>Sandra Regina dos Reis</i>	
<i>Klaus Schlünzen Junior</i>	
<i>Okçana Battini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82519150716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>158</b>
OS DESAFIOS DAS PESQUISAS NO CAMPO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO: CARTOGRAFANDO POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS	
<i>Aurélia Regina de Souza Honorato</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82519150717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>167</b>
POBREZA DE EXPERIÊNCIA CONTRAPONDO-SE AO ACÚMULO DE INFORMAÇÕES NO SÉCULO XXI, À LUZ DAS TEORIAS DE JORGE LARROSA E WALTER BENJAMIN	
<i>Mariluci Almeida da Silva</i>	
<i>Cintia Luzana da Rosa</i>	
<i>Janine Moreira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.82519150718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>172</b>
RECICLAGEM DE MATERIAIS – UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO MÉDIO	
<i>Venina dos Santos</i>	
<i>Maria Alice Reis Pacheco</i>	
<i>Magda Mantovani Lorandi</i>	



*Paula Sartori*

**DOI 10.22533/at.ed.82519150719**

**CAPÍTULO 20 ..... 186**

REESTRUTURAÇÃO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

*Eliane Paganini da Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.82519150720**

**CAPÍTULO 21 ..... 199**

TEXTOS ESCRITOS- O DIZER ÀS MARGENS: O DITO E O NÃO DITO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

*Vânia Carmem Lima*

**DOI 10.22533/at.ed.82519150721**

**CAPÍTULO 22 ..... 206**

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E O TRATO COM A DIVERSIDADE NA ESCOLA PÚBLICA: TAREFAS DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA

*Paulo Antônio dos Santos Júnior*

*Maria Jucilene Lima Ferreira*

**DOI 10.22533/at.ed.82519150722**

**CAPÍTULO 23 ..... 222**

ARTE AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA ESCOLA: REVENDO A LITERATURA, ENTENDENDO OS PERCURSOS

*Lucas de Vasconcelos Soares*

*Maria Antonia Vidal Ferreira*

**DOI 10.22533/at.ed.82519150723**

**CAPÍTULO 24 ..... 228**

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA EM EAD

*Rosalva Pereira de Alencar*

*Waghma Fabiana Borges Rodrigues*

*Alexandre Ferreira Alencar*

*Viviane Rodrigues Mendes*

*Thiago Silva Garcia Duarte*

**DOI 10.22533/at.ed.82519150724**

**CAPÍTULO 25 ..... 240**

INTERNET Y CINE COMO ALIADOS EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN: UNA EXPERIENCIA EN BRASIL

*Antônia de Araújo Farias*

**DOI 10.22533/at.ed.82519150725**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 249**

## ARTE-PERFORMANCE: EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

### **José Valdinei Albuquerque Miranda**

Universidade Federal do Pará, Campus  
Universitário do Tocantins/Cametá

Faculdades de Educação.

Docente do Programa de Pós-Graduação em  
Educação

(PPGEDUC/UFPA)

Cametá – Pará

### **Carla Alice Faial**

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-  
Graduação em Educação

(PPGEDUC/UFPA)

Professora da Rede Pública da Escola Básica  
Cametá- Pará

conceitual enfatiza o conceito de performance (COHEN, 2002) e seus desdobramentos para o campo da educação e das práticas pedagógicas. A abordagem metodológica segue as pistas do método cartográfico que tem como ênfase o acompanhamento dos processos a partir da composição de um plano conceitual (DELEUZE e GUATTARI, 1996); (KASTRUP, 2015). Os resultados da pesquisa permitem pensar o conceito de performance, e seu potencial enquanto arte experimental anárquica que mobiliza agenciamentos coletivos, anuncia heterotopias inventivas e inovações nas práticas pedagógicas de professores da escola básica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte-performance. Educação Básica; Experimentação pedagógica

**RESUMO:** O presente trabalho visa perspectivar a performance enquanto uma arte experimental anárquica, enquanto potência criativa e produtora de disparos libertários na educação básica. Na confluência entre “Performance e Educação” (PEREIRA, 2013), o texto busca construir um campo de problematização a partir de algumas questões: O que pode um corpo em performance na educação? Que disparos libertários e criativos a arte da performance pode produzir na educação? Como pensar a conexão entre a prática pedagógica do professor à arte-performance na escola básica? Como trabalhar a performance na escola básica sem instrumentalizar sua arte? No aspecto teórico-

**ABSTRACT:** This work attempts to view performance as an anarchic experimental art, as a creative power and producer of libertarian shots in basic education. At the confluence between "Performance and Education" (PEREIRA, 2013), the text seeks to construct a field of problematization based on some questions: What can a body perform in education? What libertarian and creative shots can the art of performance produce in education? How to think about the connection between the pedagogical practice of the teacher and the art-performance in the basic school? How to work performance in basic school

without instrumentalizing your art? In the theoretical-conceptual aspect emphasizes the concept of performance (COHEN, 2002) and its developments in the field of education and pedagogical practices. The methodological approach follows the clues of the cartographic method, whose emphasis is the follow-up of the processes based on the composition of a conceptual plane (DELEUZE and GUATTARI, 1996); (KASTRUP, 2015). The results of the research allow us to think about the concept of performance, and its potential as anarchical experimental art that mobilizes collective assemblages, announces inventive heterotopias and innovations in the pedagogical practices of elementary school teachers.

**KEYWORDS:** Art-performance. Basic education. Pedagogical experimentation

## 1 | INTRODUÇÃO

Na perspectiva de desdobrar novos horizontes na confluência entre educação e performance, especialmente no campo da prática pedagógica e ensino-aprendizagem propõem-se, com este trabalho levantar alguns questionamentos no limiar desses dois campos de conhecimentos: Como pensar a relação entre ensinar e aprender na perspectiva da performance? O que pode um corpo em performance na educação? Como pensar a conexão entre a prática pedagógica do professor à arte-performance na escola básica? Como trabalhar a performance na escola básica sem instrumentalizar ou pedagogizar sua arte? Questões instigantes e envolventes quando se busca pensar o movimento da performance na educação e a educação na perspectiva da performance. Em meio a essas indagações, o presente trabalho se propõe a pensar a performance enquanto uma arte experimental anárquica, enquanto potência criativa e produtora de disparos libertários na educação.

Em seu aspecto metodológico, o trabalho segue as pistas do método cartográfico que tem como ênfase o acompanhamento dos processos pelo qual as ações acontecem e não os resultados propriamente previstos (KASTRUP, 2015). Nessa abordagem metodológica a performance é vista como criação artística lançada ao inusitado, ao acontecer da experimentação em arte, sem maior preocupação com os seus resultados instrumentais. Encontramos então, nas pistas do método cartográfico por experimentação um instigante caminho de pesquisa quando associado ao próprio conceito de performance, enquanto arte experimental anárquica que mobiliza agenciamentos coletivos criativos, instiga inusitados processos de aprendizagens na escola, além de provocar desterritorializações nas práticas pedagógicas da educação básica.

## 2 | PERFORMANCE: UMA ARTE EXPERIMENTAL ANÁRQUICA

Em cada microfísica, microespaço, micropolítica das instituições que compõem toda e qualquer máquina coercitiva, repressora, burocrática, viciada e redutora, a

possibilidade de um combate com aquele princípio de autoridade se abre, afirmam-se novos componentes para se pensar a pesquisa, o pensamento e sua função social de um outro modo... (PINHEIRO, 2016, p. 100)

Percorrer o campo da performance no cenário artístico e teatral brasileiro, na tentativa de desdobrar pontos de conexões com a educação e a prática pedagógica, nos remete ao encontro com a experiência desenvolvida por Renato Cohen. Ator-performer, diretor de teatro, professor, pesquisador que realizou a partir década de 80 estudos diversos a respeito da performance, motivado principalmente pelo fato de ter sido um ator de Teatro que buscava novas formas de interpretação e expressão cênica, haja vista que as formas que até então vinham sendo desenvolvidas, já não atendiam mais às suas inquietantes expectativas, buscava uma arte nova, experimental e que permitisse romper com o instituído, o saturado e sem vida. Desejava experimentar uma arte que potencializasse um corpo em criação, uma prática artística que produzisse sensações diversas, inusitadas, ousadas, anárquicas, experimentar uma arte híbridas e fronteira em que os efeitos de seus resultados provocassem um “não sei o quê”, em um “não sei como” e em um “não sei onde”. Uma criação anárquica, uma arte livre de qualquer modelo previamente estabelecido.

Em sua obra *Performance como Linguagem*, Renato Cohen (2002) considera a performance como uma arte de resistência, que rompe com formas e modelos pré-existentes, pois usa o corpo como uma extensão dessa expressão estética, na performance o corpo é o próprio suporte artístico (*body art*<sup>1</sup>), que comove, assusta, choca, experimenta as mais inusitadas sensações. Cabe ressaltar que a década de 60 é marcada por profundas transformações que transitam entre os mecanismos de regulação, controle e imposição da ordem social por meio do Estado e as manifestações políticas de transgressão, resistência e rebeldia inseridas no contexto da contracultura e de luta pela liberdade e expressão do corpo e pensamento. Nos fins dos anos 60 as artes plásticas, como um todo, também passavam por mudanças e, portanto, recebiam inúmeras influências, buscavam novas formas de expressão corporal e visual; momento de efervescência da arte, de resistência política aos excessos de poder do estado e de manifestações da contracultura em que o mundo todo passava por essa transformação que visava um novo fazer artístico ousado e desafiador. A performance como *arte anárquica* dispara por meio de uma arte viva novas imagens de pensamento e insinua práticas de intervenções micropolíticas que ganham força em um contexto de efervescência artística, política e cultural.

A performance como expressão de uma arte anárquica de fronteira de conhecimentos realiza um movimento de ruptura com a arte instituída e estabelecida, sua movimentação percorre caminhos inusitados e transgressores, tocando nas tênues dimensões ainda desconhecidas, onde corpo e pensamento, arte e vida

---

1 A Body art (do inglês, arte do corpo) é uma manifestação das artes visuais onde o corpo do próprio artista pode ser utilizado como suporte ou meio de expressão. Surgiu no final da década de 1960 como uma das mais populares e controversas formas de arte de expressão corporal.

se entrecruzam produzindo um horizonte indeterminado de experimentações. “É justamente nesse problema, o das fronteiras, dos limites, dos territórios e, sobretudo, no borramento de tais demarcações, que a Performance tomou forma, desenvolveu-se e estilhou uma série considerável de noções em campos variados de conhecimento” (ICLE, 2013, p. 10). Enquanto experimentação é uma arte anárquica que destitui a estrutura, que se organiza e desorganiza infinitamente a seu próprio modo, sem um modelo determinado e estipulado. Aproxima-se do que anuncia Chico Science (1994), em seu álbum-pensamento “Da Lama Ao Caos”:

Posso sair daqui pra me organizar.  
Posso sair daqui pra me desorganizar.  
Posso sair daqui pra me organizar.  
Posso sair daqui pra me desorganizar (...)

Que eu me organizando posso desorganizar.  
Que eu desorganizando posso me organizar  
Que eu me desorganizando posso me organizar.  
(SCIENCE, 1994)

A performance na sua ordem-desordem acontece como uma arte livre e se coloca como àquela que se expõem na fronteira da expressão do corpo e pensamento como resistência aos conceitos e modelos de estética, de belo instituídos, condena e contesta a arte morta inserida em museus e galerias, como mera exposição e contemplação, a performance vai mais além dos enquadramentos, insinua provocações de uma arte viva onde o artista por meio de sua criação e atuação performática produz sua própria obra de intervenção.

Para Cohen (2002, p. 45) na performance “existe uma identificação com o anarquismo que resgata a liberdade na criação, esta a força motriz da arte”. Isso indica que a performance é uma linguagem de experimentação anárquica, sem compromissos previamente estabelecidos, sem garantias de cumprir normas estéticas de atuação, nem visa atender expectativas construídas de público e nem assume grandes compromissos com uma ideologia engajada, trata-se de uma arte anárquica de fronteira grandemente desprezada de normas, por isso ela se identifica com o anarquismo, no sentido de instigar a liberdade de criação, liberdade esta necessária para o fazer artístico que transgrida todo e qualquer resultado esperado, primando-se pelo princípio do prazer e não da realidade, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes e, é nesse fazer artístico que ele vê essa possibilidade, pautado no prazer da “arte pela arte”. Uma arte experimental viva, repleta de inusitadas criações, intervenções, contestações e provocações.

## 2.1 Corpo em Performance

A performance, enquanto arte experimental anárquica, sobressalta o corpo e a figura do artista como instrumentos mobilizadores da arte em seu acontecimento. O corpo do artista em performance metamorfoseia-se com a própria arte, o corpo do

performer tornado arte. Nas palavras de Cohen (2002, p. 30) “ao invés de pintar, de esculpir algo, ele mesmo se coloca enquanto escultura viva. O artista transforma-se em atuante, agindo como um performer (artista cênico)”. Entretanto o entendimento que envolve o conceito de atuante na performance, não se restringe somente ao ser humano (ator), podendo também ser alargado a outros elementos que compõem uma performance, o atuante pode ser um animal, um boneco, um objeto. Nesse lugar de atuação de fronteira a performance começa a transitar como linguagem que possui características próprias, por meio de signos e símbolos que servem como enigmas que deixam o participante-expectador livre para fazer suas inferências daquilo que lhe foi proposto enquanto provocação. Parafraseando Cohen (2002, p 27), a performance é uma “arte de fronteiras”, que rompe na sua expressão anárquica padrões instituídos e convencionais, desestabiliza formas e estéticas, num movimento de quebra, ruptura, conexão e aglutinação.

Essa aproximação conceitual da performance como arte experimental anárquica de fronteira, possibilita pensar o corpo em performance em seus processos de criação, montagem e desmontagem, em suas movimentações e devires, em seu fazer artístico e trabalho de inventivas metamorfoses. Envolvido no jogo provocativo e indeterminado da performance o artista performer experimenta um devir outro da arte, um corpo em metamorfose, um corpo em mutação, em que os outros espaços são possíveis de serem inventados, um corpo em performance insinuando e mobilizando subjetividades libertárias que transitam de forma livre e anárquica rompendo com imagens fixas que atuam no processo de disciplinamento do corpo e questionando conceitos já empoeirados e instituídos como verdades fixas e perenes. Como nos falam Deleuze e Guattari (1997) pensar a ação de metamorfose da própria ideia de conceito em sua história e devir.

## 2.2 Performance: Atuação e Acontecimento

Do ponto de vista da performance enquanto uma arte-intervenção, Cohen (2002) destaca que a performance é antes de tudo um acontecer de uma expressão cênica a partir de alguns elementos:

[...] podemos entender a *performance* como uma função do espaço e do tempo  $P = f(s, t)$ ; para caracterizar uma *performance*, algo precisa estar acontecendo naquele instante, naquele local. Nesse sentido, a exibição pura e simples de um vídeo, por exemplo, que foi pré-gravado, não caracteriza uma *performance*, a menos que este vídeo esteja *contextualizado* dentro de uma sequência maior, funcionando como uma *instalação*, ou seja, sendo exibido concomitantemente com alguma atuação ao vivo (COHEN, 2002, p.28)

Além da sua dimensão de atuação e acontecimento, a performance apresenta uma característica anárquica pelo fato de escapar dos limites disciplinares da organização do conhecimento, por meio de múltiplas manifestações criativas, inusitadas e provocações que incorporam nas apresentações cênicas as mais variadas formas



artísticas, tais como a dança, a pintura, a poesia, a escultura, conjugados ao corpo em movimento, imagens, silêncio, sons que produzem variadas composições disparando inusitadas provocações naqueles que vivenciam e experimentam uma performance. A esse Cohen (2003) considera que pelo fato da performance ter suas ramificações e conexões na expressão cênica, recebe a influência de vários estudiosos do Teatro, como Antonin Artaud, com o seu *Teatro da Crueldade*, Decroux, Guto Lacaz. Como também a ela se integram características da Contracultura, do *Happening*<sup>2</sup>, e outras perspectivas libertárias e expressões artísticas. Isso faz da performance uma arte de fronteira, híbrida e com provocações transgressoras.

Na perspectiva de Cohen (2002) os estudos da performance não possuem e não procuram um corpus teórico único. Performance é na verdade um intercampo, um cruzamento das artes, ela é múltipla e híbrida. O entendimento de performance articulado ao conceito de desterritorialização permitirá pensar a arte no contexto escolar para além de sua instrumentalização. A esse respeito Deleuze e Guattari (1996) destacam aspectos de um processo de desterritorialização que podem ser aproximados ao conceito de performance:

Instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra.(DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.22)

A aposta é que, por meio de intervenções e experimentações performáticas na escola, algo aconteça de novo na educação. Experimentar movimentações artísticas que produzam processos de desterritorialização dos espaços escolares e a produção de corpos livres e subjetividades libertárias, pois compreendemos que a performance enquanto arte experimental, instiga e mobiliza disparos de invenção de corpos e subjetividades livres desencadeando agenciamentos coletivos. No acontecer de uma performance produz-se disparos de mudanças, contestações, provocações que insinuam transformações, anúncios de experimentações libertárias que talvez produzam micro revoluções na educação.

### 3 | PERFORMANCE: CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO

A performance se caracteriza por ser uma expressão anárquica que visa escapar de limites disciplinares (COHEN, 2002, p.31).

Em seu texto sobre *Performance docente* Pereira (2013, p. 23), afirma: “A pergunta pela performance está em voga, sobretudo no campo da educação”. Uma pergunta que abre inúmeras perspectivas para se pensar as conexões

---

2 O happening (traduzido do inglês, "acontecimento") é uma forma de expressão das artes visuais que, de certa maneira, apresenta características das artes cênicas.

entre Performance e Educação, além do que na tentativa de construir resposta a essa colocação são múltiplos os caminhos que podem ser abertos e percorridos. Propomos aqui pensar a performance como arte do inusitado, do desconhecido que surge como possibilidade de criação de “heterotopias inventivas” no espaço escolar. “A heterotopia de invenção é um espaço anarquista de fronteira disforme, em que pessoas e associações elaboram subjetividades libertárias” (PASSETTI e AUGUSTO, 2008, p.82). Entretanto, como pensar esses aspectos na educação, uma vez que a escola em sua estrutura molar abriga e convive com um currículo já estabelecido, estruturado a partir de normas, técnicas e conhecimentos pautados no princípio da obtenção de resultados e, uma perspectiva anárquica, experimental e inovadora vai de encontro a essa perspectiva? Em outras palavras, a performance em sua conexão com a educação não deixa de ser uma provocação, uma vez que abre a possibilidade de experimentar uma prática educativa que sacode as estruturas da escola, produz estranhamento, instiga à liberdade, choca, incomoda os currículos disciplinares e modelos pedagógicos já instituídos.

Um convite-provocação para se pensar a performance não numa perspectiva do enquadramento, adequação ou simplesmente do seu encaixe pedagógico à escola, seu potencial artístico e pedagógico está muito além disso, possibilita uma “desterritorialização pedagógica” (PEREIRA, 2013), pois promove afetações e sensações múltiplas, que leva a uma série de “experimentações disruptoras”, ousadas, desafiadoras, inventivas na educação. A performance na educação cria sua própria linguagem, espacialidade e temporalidade, colocando em funcionamento lógicas de pensamento e movimentações corporais diferenciadas, produz verdadeiras “heterotopias inventivas” no espaço educacional uma vez que transita em meio a um fluxo de montagem, desmontagem e remontagem, sempre de modo inusitado, fronteiro e anárquico.

A performance como arte anárquica de fronteira mobiliza experimentações híbridas e provocações criativa na educação. Em sua intensidade experimental dispara processos de criação por aglutinação, conexão, cruzamento e atravessamento artístico, que instiga novos modos de ensinar-aprender, observar-intervir e, com isso, potencializa um novo espaço-tempo de liberdade, experimentação, montagem e desmontagem na educação. Envolver a educação básica na arte da performance implica em adentrar um espaço de fronteira indeterminado da arte e da prática pedagógica, conviver com uma multiplicidade de linguagens e potencializar as singularidades naquilo que possuem de impulso de criação e expressão da singularidade e diferença. A performance na educação produz instigantes e inventivas “desterritorializações pedagógicas” (PEREIRA, 2013), ao possibilitar encontros de aprendizagens e cruzamentos entre corpo e conhecimento, atuação e pensamento na perspectiva de experimentar “heterotopias inventivas” (PASSETTI, 2009), como possibilidade de inventar outros espaços na escola básica, pensado como um tablado móvel de experimentação envolvido e desdobrado em práticas artísticas e atividades

pedagógicas criativas voltadas ao pensar-experimentar a arte-performance no cotidiano de professores e alunos, suas vivências, seus desejos, sua imaginação.

A prática da arte do teatro na escola mobiliza novas dimensões na função de educar, por meio de performances, professores e alunos criam e recriam mundos virtuais extremamente lúdicos e fascinantes. A performance como elemento artístico aciona processos produtores e transformadores de subjetividades libertárias, uma vez que desestabiliza lugares fixos e instituídos, questiona preconceitos que muitas vezes limitam o pensamento e a atuação de professores e alunos reduzindo todo seu potencial criativo, transformador e libertário. A performance enquanto arte-intervenção, abre um campo de experimentação com inúmeras possibilidades artísticas pautadas no planejamento-improviso, na criação, espontaneidade, fruição, nos fluxos de sensações e afetações diversas. A performance na educação produz um canal intensivo de fluxos com novas conexões entre corpo-pensamento que viabiliza inusitadas experimentações e instigantes modos de viver os processos educativos e suas novas experimentações e aprendizagens.

Essa perspectiva de pensar a performance em sua interface com a educação aproxima-se das ideias de Renato Cohen (2002), ao situa a performance no horizonte das manifestações expressivas anárquicas, híbridas, que envolve modos inventivos ousados, desafiadores e disparadores de novos mundos por meio de experimentações. A performance na educação mobiliza novas prática pedagógicas e processos de ensino-aprendizagem coletivos e criativos a partir de alguns aspectos relacionados à performance, como proposta interventiva de uma arte que se dispõe de linguagem corporal, híbrida e libertária. Uma arte que sugere pensar o inusitado e ideias que transitam, simultaneamente, nos territórios da literatura, da poesia, das artes visuais, do teatro, da dança e da música para lançar na cena artística e educacional uma nova expressão artística que interliga corpo-pensamento, revitaliza o processo ensino-aprendizagem e produz instigantes “desterritorializações pedagógica” na escola básica.

As experimentações artísticas e pedagógicas performáticas na educação se apresentam como uma arte que mobiliza novas modalidades de aprendizagens e expressão corporal para além das práticas disciplinares instituídas no currículo formal da escola. Envolve os atuantes e participantes em um universo de invenção e intervenção na realidade educacional cotidiana exigindo com isso uma entrega, viva e cheia de movimento tanto para quem a produz, como para quem a assiste. Nesse vaivém da criação performática, a escola torna-se um espaço propício para o desenvolvimento de tal experimentação, onde pessoas e espaços se entrecruzam, por meio de uma arte anárquica criativa e provocadora.

## 4 | EXPERIMENTAÇÃO PEGAGÓGICA NA ESCOLA BÁSICA

Perspectivar a performance na educação, insinua pensar a escola como um espaço instigante para o desenvolvimento de práticas artísticas inovadoras por meio de atividades criativas voltadas ao ensino das Artes, tendo como foco o cotidiano do aluno, suas vivências e capacidades de inventar e recria mundos vividos por meio da arte. Nesse sentido, a escola, enquanto instituição social de formação deve mobilizar ações de incentivo ao convívio plural entre as diferenças e aguçar a arte da criação através de uma educação experimental, fabuladora e crítica, capaz de envolver a comunidade escolar de forma que todos possam conviver com a arte e participar/experimentar de forma dinâmica a produção dos conhecimentos no espaço escolar, uma vez que, esta instituição não se limita somente ao ensino-aprendizagem formal, seu horizonte envolve um ambiente de criação, inventividade, alegria, enfim um espaço de desconstrução e reconstrução de valores, conhecimentos e aprendizagens.

Nessa perspectiva comungamos das ideias de Cohen (2002), que defende uma arte-experimental que se realiza por manifestações expressivas disruptoras, híbridas, modos inventivos ousados e desafiadores que rompem com o lógico e instituído. Daí, discorreremos de alguns pressupostos relacionados à performance, como proposta interventiva de uma arte que se dispõe anárquica, híbrida e com uma linguagem autônoma. Essa arte sugere ideias que provêm, simultaneamente, da literatura, da poesia, das artes visuais, do teatro, da dança e da música para compreender a nova expressão artística que se revitaliza nos anos 1980.

Envolvidos pela atmosfera teatro, especialmente pela arte-performance, nos propomos a levantar o seguinte questionamento: Como pensar a conexão entre a prática pedagógica do professor à arte-performance na escola básica?

A partir dessa questão, nos propomos a experimentar uma prática pedagógica por experimentações artísticas com os alunos da escola básica, a fim de buscarmos vivenciar no cotidiano as inquietação e provocações desta arte nova e desafiadora que é a performance, assim como perceber de que forma a arte-performance pode ser pensada e experimentada nas ações pedagógicas no espaço escolar, bem como as possibilidades de criação a que ela se propõe e, as sensações múltiplas que dela derivam por meio de sua experimentação na escola básica.

Nessa perspectiva foram realizadas ações planejadas-improvisadas que aconteceram no espaço da escola básica Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Nadir Filgueira Valente, Cametá/Pará, momento em que experimentamos uma pesquisa interventiva que teve como foco o acompanhar dos processos vivenciados nas aulas de Artes na escola, uma vez que nossa proposta era a de levar os alunos a experimentar o novo, desafiá-los, de modo que acompanhássemos os movimentos das ações, sem nos preocupar com a precisão de resultados, mas sempre atenta aos processos de aprendizagens construídos em nossa prática diária. Daí a opção da cartografia como método de pesquisa, que leva em consideração uma realidade heterogênea e em movimento,

realidade esta que pulsa, que transpira por um vaivém de múltiplas ações e sensações. “Eis então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas. ” (KASTRUP, 2015.pag. 10). A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática: princípio “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 22).

Experimentar a arte-performance na escola básica consiste em desterritorializar práticas pedagógicas rígidas e disciplinares, permitindo uma abertura ao novo e a criação na escola. Experimentar processos moventes de aprendizagens com os alunos. Romper com a imobilidade do corpo, experimentar um corpo-pensamento em movimento. Saltar, sobressaltar, piruetar, saltitar são ações que insinuam movimentos, produzem acontecimentos que podem resultar em tombos, quedas, arranhões, assim como movimentações espetaculares, acrobacias, malabarismos que não sabemos ao certo no que pode dar. Piruetas e acrobacias fazem parte da arte performática do inusitado experimentada na educação básica.

Rostos pintados, roupas coloridas, sapatos engraçados, olhos esbugalhados, corpinhos graciosos, largas gargalhadas fazem parte de um espaço que ganha um cenário novo, onde uma performatividade única e diferente se instala, cenários criados e recriados circulam entre carteiras, corredores, fileiras e mais fileiras. Palco composto, que comece a palhaçada! O criativo, o grotesco, o ousado, tomam forma, constituem-se enquanto forças superiores que ultrapassam a lei do bem e do mal, do belo e do feio, do real e do irreal, do silêncio e do barulho.

Desejar a liberdade do aprender, isso é o que nos move, nos inspira e nos contagia. Todos tomados pelo desejo de liberdade, de inventar, reinventar, habitando um espaço agora redesenhado pelo colorido da vida, da ousadia, onde tímidas rachaduras surgem naquela parede dura, áspera, sombria e sem cor que ali havia, a parede que vos falo era a da escola. Pequenos arranhões de graça, leveza e vida nova chegavam sorrateiramente, mas que vinham para ali ficar. Propor àqueles meninos e meninas vestir-se de palhaços em plena sala de aula, com toda uma estrutura já “montada” nada mais era do que “pura palhaçada”. Quem poderia imaginar que aquelas tímidas crianças, acostumadas com um fazer artístico bem distante do que ali costumeiramente acontecia, parecia até que algo impossível pudesse existir

Nesse acontecer da performance, aprender se configurava em piruetar, saltitar de pernas para o ar. Lançar-se ao inusitado. Uma reviravolta de atitudes e comportamentos povoaram aquela paisagem escolar, mudanças consideradas e inusitadas ali se sobressaíam, possibilidades performáticas foram construídas de maneira conjunta, lenta e minuciosamente a fim de que cada aluno em atuação ali desafiado se sentisse capaz de produzir artisticamente e compartilhar com os outros um mundo novo, diferente, inesperado e ousado.

O acontecer da performance na escola toma contornos desconcertantes, onde objetos, signos, personagens e papéis atuam e brincam, dialogam com as faces e

interfaces que ali povoam. O brincar, o ousar, o gargalhar contagiam, encantam, nos fazem mergulhar por um rio de alegrias e satisfações e, quantas experiências artísticas e de aprendizagens podem ser vividas, trocadas, construídas. Nesse sentido, o que nos motiva e encanta um fazer performático na escola básica é que, por meio de um pensar-fazer artístico desprendido de regras e normas é possível criar e recriar mundos e realidades que contestam os já demarcados e estabelecidos. Um acontecimento novo, uma pintura viva, uma arte nova diferente das amarras de museus e galerias. Uma arte viva, um corpo em performance que transita no espaço escolar por entre olhares atentos e curiosos.

Crianças e adolescentes foram convidados a lançarem-se ao inusitado da performance, compondo um espetáculo em que a ordem estabelecida fora subvertida: carteiras, salas de aula, lousa, refeitório, “hora do recreio”, aulas de Arte agora eram transpassados por possibilidades outras, associadas a roupas coloridas, olhos esbugalhados e sedentos de energia, sorrisos bobos, gargalhadas descontroladas, *devires-palhaços* saltitantes rodopiavam por entre colunas, espaços até então silenciados e negados pela “ordem” e pela “disciplina” escolar. Produções sorrateiras eram anunciadas, gerando espanto, nervosismo e curiosidade dos que ali participavam; espaços ociosos reinventados, um novo coração pulsava com uma corrente sanguínea totalmente transfigurada. “Isso nos leva ao encontro de uma criança que se mostra plástica, maleável, imaginativa; que convive conosco, mas transita por outra lógica, outros modos de pensar, sentir e agir. (MACHADO, 2010, p.119).

Um devir-palhaço do aluno/a que desejamos movimentar por meio da figura-imagem de um palhaço de riso fácil, gargalhada gostosa, que pule, salte e dance, numa arte-performance intensa, envolvente e expressiva, mergulhada na plasticidades de um corpo livre, desenhado pelo pincel da ousadia, sensível aos olhares, que inventa e reinventa a vida, gotejando ternura, descontração e irreverência, onde o brilho dos olhos possa despertar para um mundo agora visto com uma outra percepção, capaz de transfigurar espaços, vivências, a partir de um movimento de ruptura, em que o brincar e o jogar dialoguem com experiências artísticas multicores. Palhaços trovadores, que tragam na sua expressão mensagens de liberdade, de desprendimento, de coragem e principalmente um sopro de liberdade. As experimentações pedagógicas insinuam um modo criativo de expressar e habitar a arte no ambiente escolar e anunciam um novo sentido de estar no mundo: Um *devir-palhaço* é um gesto revolucionário, aprender isso é o desafio da escola.

As experimentações pedagógicas vivenciadas na escola básica possibilitam pensar a arte-performáticas em sua relação com a educação a partir da produção de novas formas de interação com o conhecimento e oportunidades de construir outras conexões corpo-pensamento nas práticas pedagógicas de professores da escola básica. Além do que a performance converge com uma arte inusitada de criação artística capaz de mobilizar diversas possibilidades de aprendizagens, em que



espaços, temporalidades, materialidades e interações se entrecruzam em um cenário dinâmico de atuação e expressividade produzidos e arrebatados por um corpo em performance dentro de um mundo compartilhado por múltiplas sensações no espaço escolar.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apostar em práticas pedagógicas por experimentações artísticas, permite pensar o novo na educação e desestabilizar espaços empobrecidos de experiências. Por iniciativa de movimentações livres e criativas na educação abre-se a possibilidade de sacudir as estruturas escolares, libertar-se das amarras institucionais e disciplinadoras do corpo e experimentar o novo na educação. A performance propõe por meio de uma arte-intervenção libertar o corpo, sacudir as práticas pedagógicas rotineiras, inventar novas percepções estéticas na educação, produzir instigantes provocações no espaço escolar. Um princípio anárquico que propõe uma nova educação, que instiga processos de produção de “heterotopias inventivas” e “desterritorializações pedagógicas”, que permita a professores e alunos educar a partir da liberdade e da criação artística por experimentação.

A performance em sua conexão com a educação abre uma nova imagem do pensamento para se pensar a prática pedagógica na educação básica, desdobra um teatro aberto ao acontecimento que rompe com o que já está estabelecido, uma prática que acontece em um teatro sem palco e sem parede, uma arte que vai se tecendo em meio a um planejamento desdobrado em montagem e desmontagem, estudo, trabalho e criação, preparação e improviso, por ser uma forma de expressão que se permite experimentar o desconhecido, o indeterminado em seu acontecer. Na educação possibilita experimentar uma arte viva, que se propõe a estar em desajuste com o próprio conceito de estética artística, sentir uma estética que pulsa, naquilo que é capaz de transfigurar o próprio corpo-pensamento, instigar novos modos de existir, transformar os elementos da vida em uma arte, que rompe com a ideia do juízo, liberta-se do juízo de dívida e cobrança, perdão e culpa que se faz sempre presente na consciência moral de todo rebanho. A performance busca o incompreensível, expressa uma questão, insinua uma provocação, rompe com o modelo instituído. Por vezes choca olhares e ouvidos, contesta valores e normas, por ser vista como algo absurdo e indeterminado que abala e destitui a estrutura, que se organiza e desorganiza, monta e desmonta infinitamente a seu próprio modo, sem um modelo previamente estipulado. Talvez, a arte viva e indeterminada de experimentar-se anarquicamente, insinue o potencial artístico, pedagógico e libertário do acontecer da performance na educação.

## REFERÊNCIAS

- CARLSON, M. **Performance/Uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010
- COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 03. Tradução de Aurélio Guerra Neto et Alii. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1996. Col. TRANS.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 01. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. R/J. Ed. 34, 1995. Col. TRANS.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. 2ª edição. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1997. Col. TRANS.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução Selma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 edições, 2013),
- GARROCHO, Luiz Carlos. “**Exercício de liberdade**”. Dimensão na Escola. Belo Horizonte, v. 1, n. 5, p. 2. mar./abr. 2008.
- KASTRUP, Virgínia, PASSOS, Eduardo e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. POA: Sulina, 2015.
- ICLE, Gilberto. Da performance na educação: perspectivas para a pesquisa e a prática. In. PEREIRA, Marcelo de Andrade. **Performance e Educação**. [des]territorializações pedagógicas. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.
- MACHADO, Maria Marcondes. **O professor Performer**. Campinas. Educação e Realidade, 2010.
- PASSETTI, Edson e AUGUSTO Acácio. **Anarquismo e Educação**. Belo horizonte: Editora Autêntica, 2008.
- PEREIRA, Marcelo de Andrade. **Performance e Educação**. [des]territorializações pedagógicas. Santa Maria: Editora UFSM, 2013
- PINHEIRO, Luizan. **Anarcometodologia: o que pode uma pesquisa em artes**. Belém: Editora UFPA, 2016.
- SCIENCE, Chico e ZUMBI, Nação. **Da Lama Ao Caos**. Álbum CD, 1994.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Kelly Cristina Campones** - Mestre em Educação ( 2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-482-5

